



GUIA DE ESTUDOS

Um caminhar pela memória,
presença e resistência negra
no centro do Rio

DEBATES NAS RUAS

Rio de Janeiro
2022

GUIA DE ESTUDOS

Um caminhar pela memória, presença e resistência negra no centro do Rio

*Guia de estudos construído para uso exclusivo do evento: "Debates nas Ruas". Sendo estritamente proibida sua comercialização, cópia e divulgação fora do âmbito aqui descrito.

Este Guia foi construído com a colaboração dos membros: Emily Zaphiro, Lucas Marcelo, Luisa Paes, Monik Klein e Poliana Tavares.

APRESENTAÇÃO

O **Debates nas Ruas** é uma forma de explorar nossos temas de estudo de uma maneira sensorial, física e, principalmente, fora da academia. Apesar de ter nascido e desabrochado no meio acadêmico, uma das maiores intenções desse projeto é democratizar a decolonialidade, entregando o conteúdo da nossa pesquisa de maneira acessível para o público geral.

Geralmente nos reunimos em um ponto de partida e caminhamos juntos com convidados/as/es, enquanto promovemos discussões de aprendizado, tais como aulas teóricas expositivas, debates, palestras, poesia, música e/ou performances.

Nessa edição, caminharemos por alguns pontos do **Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana**: Largo da Prainha, Pedra do Sal, Cais do Valongo, e Museu da História e da Cultura Afro Brasileira - MUHCAB. Estima-se que a distância entre um ponto e outro seja percorrido entre 5 e 10 minutos.

Brasil: Uma sociedade construída sobre o estigma do racismo

A história de construção do Brasil é marcada por cicatrizes profundas. A permanência da estrutura colonial, continuada pela monarquia, levou adiante por mais de meio século, a estrutura de contínua exploração e violentação da população negra escravizada. A maior parte da população africana trazida pelo tráfico transatlântico às Américas veio para o Brasil – das 5,4 milhões de pessoas trazidas ao Brasil, 2 milhões delas chegaram entre 1801 e 1866. As estimativas apontam que um 1,2 milhão de escravos chegaram mesmo após a “independência”. 891 mil escravos desembarcaram na região sudeste do país após 1822 até 1866 (SLAVE VOYAGES, 2022).

Foi a partir da colonização das Américas, sobre a escravização e o genocídio de populações negras e nativas, que se estabeleceram a acumulação de capital e o sistema que tem como características históricas fundamentais a escravidão, a hierarquização social, o controle do trabalho, dos recursos e da produção. A história do Brasil, portanto, é fundamentada na sistemática exploração de populações marginalizadas e exploradas pelos impérios europeus, que agiam pretensamente sob o argumento de estabelecer uma “missão civilizatória” aos povos “selvagens” das Américas, a partir da imposição estruturada das dicotomias europeu/não-europeu e civilização/barbárie. Nossa história parte, portanto, da desumanização contínua da população negra para que sua exploração fosse justificada.

A recente descoberta do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo (2011), o maior porto receptor de africanos escravizados do mundo, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, configura a materialização do momento mais sombrio da história do país. É sobre essa história de racismo, desigualdade e exploração que a sociedade brasileira é construída, o que provocou as configurações histórico-estruturais, que se refletem na organização da sociedade contemporânea.

A classificação da sociedade a partir da sua categorização pela ideia de raça nasce com o colonialismo, estabelece a dominação do território e da sociedade e atravessa o tempo, permanecendo viva na estrutura social mesmo após o fim do colonialismo territorial. Isso é o que autores decoloniais latino-americanos como Quijano descrevem como as colonialidades, do poder, do saber e do ser, com a colonização da cultura e a aniquilação de culturas-outras, tanto as africanas que traziam consigo suas raízes, quanto as nativas deste território. O eurocentrismo, portanto, tem como fundamento dar sentido às diferenças entre Europa e não-Europa como “diferenças de natureza (racial) e não de história do poder”, o que nega e invisibiliza as circunstâncias sobre as quais tal sistema se estruturou e se mantém (QUIJANO, 2005).

Nesse sentido, a constituição da sociedade brasileira sobre as violências expostas, explica muito das questões pelas quais somos atravessados atualmente. O racismo no qual é baseado o então nascente sistema capitalista, que enriquece ao marginalizar uma população inteira e explorá-la para seu benefício próprio, é revelado como um interesse de hierarquização dos povos que mantêm vivas ainda hoje as relações de poder no Brasil e no mundo - que reproduzem uma "história única", impondo uma narrativa histórica. Esse é o enredo que desenha as profundas cicatrizes da história do Brasil, que se reafirmam a cada morte dos corpos negros no país. A estrutura da sociedade está adoecida e ainda é dominada por uma elite financeira que não se importa, pois, continua lucrando com a repressão e exploração dessas populações.

A constante hierarquização e categorização racial e social revelam um ciclo de reprodução das desigualdades sociais e das violências sistêmicas, que só pode ser quebrado a partir de políticas públicas de reparação e emancipação da população negra no Brasil. A desconstrução do controle do Estado e do poder público pela burguesia, a garantia de direitos e representação política justa, a ocupação de espaços-memória dessa história e a afirmação da resistência negra são partes essenciais para o rompimento desse ciclo.

Por fim, apesar da exploração sistemática da população negra e da negação do espaço de decisões políticas, é imprescindível apontar que o negro é sujeito da sua própria história e fundamental no movimento de abolição de sua própria escravidão, a partir da resistência permanente, desde o início da escravização, com as organizações de mulheres e homens negros e a formação de quilombos que simbolizam a luta e a resistência do povo negro.

O Cais do Valongo, reconhecido em 2017 como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), faz parte da Pequena África, localizada no centro da cidade do Rio. Esse espaço é simbolizado pelas populações remanescentes dos quilombos. Materializar a agência do sujeito negro neste espaço é tarefa contínua para o reconhecimento da construção de conhecimento e consciência entre os povos observados como objeto e não sujeitos de sua própria história. Por isso, o Debates Pós Coloniais e Decoloniais convida toda a comunidade a caminhar nesses espaços, (re)aprender e ouvir a história da cidade do Rio de Janeiro com uma perspectiva decolonial, dando voz a quem se deve e - principalmente - celebrando a autonomia do povo preto carioca.

CONVIDADOS

Cláudio de Paula Honorato é doutor em História, Cultura, Poder e Representações pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestre em História Social Moderna pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É coordenador da Pós-Graduação Lato Sensu do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - IPN, e possui experiência na área de História da África, do Mundo Atlântico, da escravidão e da diáspora, com ênfase em História Moderna, História do Brasil Colônia e Império.

Lucimar Felisberto dos Santos é pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora em História Social do Brasil pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestra em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É coordenadora do Curso de Extensão e/ou especialização em produção de ferramentas para Educação das Relações Étnicorraciais (PPFERER) do Instituto Horus e pesquisadora do Centro de Altos Estudos e Pesquisas Afrikana e Afrodiaspórica do Instituto Hoju.

Leandro Santanna é ator, produtor cultural e atual diretor do Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB). Já realizou mais de 30 espetáculos em teatro, fez diversas participações em filmes e novelas e foi indicado ao prêmio Shell de melhor ator pelo espetáculo "Lima entre nós". É um dos articuladores da Rede Baixada Encena e da Frente Teatro RJ, e membro da Coordenação externa do Artes Cênicas em extensão - UNIRIO, ex-Conselheiro Estadual de Cultura e Secretário de Cultura de Queimados. Participou em curtas de cineastas, como Miguel Prewodowski e Rosane Svartman, e nos longas "Preto no Branco", "Made In China" e "Filhos de Bach". Na TV fez participações especiais em Malhação, Cama de Gato, O Astro, Cordel Encantado, Boggie Oggie, Império, Babilônia, Filhos da Pátria e participação fixa na trama de Avenida Brasil, com o personagem 'Herculano'.

Coletivo Tereza de Benguela nasceu no ano 2017, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo curso de Relações Internacionais. O Coletivo têm como objetivo colaborar para que outras epistemologias sejam consideradas e reconhecidas na construção de novas geografias da razão e assim, construir as Relações Internacionais por uma lente decolonial e antirracista. Assim como Tereza de Benguela, o desejo do Coletivo é quebrar com as correntes dos punhos de todes que são historicamente marginalizados, e propor uma existência que não seja pautada apenas na resistência à branquitude.

TRAJETO

Largo da Prainha: O Largo de São Francisco da Prainha, mais conhecido como Largo da Prainha, é situado na Rua Sacadura Cabral, no pé do Morro da Conceição, bairro da Saúde, na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro. Antes da construção do Porto do Rio de Janeiro, existia ali uma pequena praia, que se estendia até onde hoje é a Praça Mauá. Devido aos sucessivos aterros feitos na região, a praia desapareceu. O largo recebeu seu nome por estar situado próximo à Igreja de São Francisco da Prainha, erguida em 1696, por ordem do Padre Francisco da Motta. Um lugar de efervescência cultural e memória negra, no Largo da Prainha está uma estátua em homenagem a Mercedes Baptista, bailarina e coreógrafa responsável pela criação do balé afro-brasileiro, dança muito influenciada e inspirada pelos movimentos dos terreiros de candomblé. Foi a primeira bailarina negra do corpo de balé do Theatro Municipal, em 1948. A estátua foi colocada no centro do Largo em 2016.

Pedra do sal: Em 20 de novembro de 1984, a Pedra do Sal foi tombada como patrimônio material do Rio de Janeiro pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). O local é a gênese dos primeiros terreiros de religiões de matriz africana. Além disso, é o berço das rodas de samba e recebia os grandes nomes do samba como Donga, Pinxinguinha, João da Baiana, que frequentavam os ranchos carnavalescos que nasceram no local, ranchos esses que viriam a se tornar grandes escolas de samba da Cidade do Rio de Janeiro. A região que tinha como habitantes pescadores e salineiros, começou a ganhar a presença da população no século XVIII, quando passou a receber o comércio de africanos.

TRAJETO

Cais do Valongo: Por mais de três séculos, o Cais do Valongo foi o principal porto de entrada de escravos no Brasil e na América, por onde passou cerca de um milhão de africanos escravizados em cerca de 40 anos, o que o tornou o maior porto receptor de escravos do mundo. O Cais foi criado em 1811, pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro, com o objetivo de retirar o comércio de escravos africanos da Rua Direita, atual Primeiro de Março. Com proibição do tráfico transatlântico de escravos, o Cais recebeu diversas reformas significativas, entre elas destaca-se o projeto do governo Pereira Passos, o qual soterrou o local para se tornar a Praça do Comércio, enterrando assim uma parte significativa da história do país. Em 2011, durante a revitalização do Porto Maravilha o Cais foi "redescoberto" e a partir de resistência de pesquisadores e instituições, as obras no local foram paradas. No ano seguinte, o espaço foi transformado em monumento aberto e passou a fazer parte do "Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana" revelando sua importância para a resistência e diáspora africana na América Latina.

Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB: Dedicado à história e legado da escravidão no Rio de Janeiro “O MUHCAB é um museu de território – situado na Pequena África, tendo como marco zero o Cais do Valongo, Patrimônio Mundial. O museu pretende contar a história da região que testemunhou o maior desembarque de africanos escravizados no mundo, de importantes marcos de afirmação negra no Brasil e do desenvolvimento da cultura afro-brasileira, bem como debater conceitos que emanam desta narrativa e a situação do negro no Brasil hoje. A missão proposta pelo Museu é transformar o entendimento do que é ser negro no Brasil, afetando e empoderando as comunidades afro-brasileiras pela garantia do direito de conhecer, preservar e disseminar sua história de afirmação e resistência a partir do território físico e simbólico do Cais do Valongo e seu entorno, contada de forma participativa, pelas vozes de seus protagonistas; e propor à sociedade uma revisão da escrita da história do Brasil, valorizando a cultura africana como matriz cultural brasileira.”

MAPA



GLOSSÁRIO

Bárbaros x Selvagens: Pares antitéticos de Civilização que possuíram diversos significados temporalmente dependendo do interesse de quem evoca para si o termo Civilização. Para os Estudos Pós-Coloniais; refere-se à designação ocidental aos povos “atrasados” na linha evolutiva de progresso. A distinção se dá na interpretação europeia sobre a capacidade de conversão: os bárbaros já entraram em contato com a Civilização e a rejeitam enquanto os selvagens a desconhecem e estão aptos a evoluir.

Civilização: Ideal de organização social traduzido em valores, costumes, religião e boas maneiras. Par conceitual antitético de barbárie/selvageria. No imaginário colonial, a civilização corresponde à saída do Estado de Natureza e a instituição do Contrato Social.

Colonialidade do poder: imposição hierárquica racial/étnica como ferramenta principal do padrão de poder, a qual age em cada um e nos mais diversos âmbitos da existência social do dia-a-dia e de sua escala.

Colonialidade do saber: modo de dominação por meio do conhecimento, para hierarquizar e pôr no topo uma forma de saber específica em detrimento das demais. Como exemplo, a não obtenção de devido conhecimento acadêmico sem a tradução do material de estudo para o inglês.

Colonialidade do ser: uma realidade que faz com que se inferiorizem pessoas, enquanto um tipo específico, como o europeu, se torna o modelo correto.

Colonialismo: Relação de dominação estabelecida entre dois povos, onde um subjuga e inferioriza a própria condição de existência do outro, arrasando a cultura e modo de vida alheia e substituindo pela sua própria, concretizando um poder político, econômico e social sobre o território e o povo colonizado.

Decolonialidade: Proposta teórica da América Latina para a América Latina que critica o eurocentrismo do debate pós-colonial e busca se libertar das atuais dominações coloniais. Denuncia que a colonialidade é a outra face da modernidade, que opera às escuras e permite a manutenção do padrão mundial de poder.

Escravidão: Originário do termo “eslavo”, porém parte da história mundial com expressões variadas, é o processo que retira a humanidade de um ser humano e o torna mercadoria, uma “coisa” a ser utilizada para fins privados. Apaga-se história, agência e liberdade desse “outro” para a exploração de seu corpo e alma.

Espaços-memória: ambientes físicos onde a história se materializou e pode ser resgatada através de interpretações e observações do passado e da contemporaneidade.

Genocídio: projeto de extermínio, parcial ou total de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso. Possui uma definição restrita no Direito Internacional que torna excepcional a experiência do Holocausto e acaba ofuscando outros genocídios (ex: genocídio negro e indígena).

História Única: criação de narrativas estereotipadas, principalmente pelas sociedades hegemônicas, sobre povos subjugados por elas. Ao criar um véu de pseudo-realidade, essas “histórias únicas” criadas unilateralmente, impedem que se considerem essas pessoas com semelhança, empatia e verdade, servindo ao propósito colonial.

Missão Civilizatória: projeto colonial pautado na superioridade da civilização europeia, onde se é atribuído ao Homem Branco a responsabilidade de dominar todos os outros indivíduos, submetendo-os a filosofia ocidental, instituindo padrões de gênero, cor, classe social, organização política, científica e moral.

Políticas Públicas: São ações e programas desenvolvidos pelo Estado para executar e garantir o acesso aos direitos que são estabelecidos na Constituição Federal e em outras leis, a fim de garantir o bem estar da população.

Pós-Colonialismo: Vertente teórica plural que busca chamar atenção para a permanência das relações de poder coloniais mesmo após a independência de países colonizados.

Quilombos: Termo anteriormente atrelado ao conceito de grupos formados por escravos fugidos, após a Constituição Federal de 1988, constitui o termo para designar a situação dos segmentos negros organizados em diferentes regiões e contextos brasileiros. Faz referência às terras resultantes das doações, compras ou ocupações pacíficas por negros livres/ex-escravizados.

Racismo: Termo cunhado pelos europeus para designar características fenotípicas e genotípicas que separariam os superiores (europeus) dos inferiores (não-europeus), facilitando assim, o processo de escravização. Pode ser caracterizado atualmente como preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo racial ou étnico, tipicamente marginalizado ou uma minoria.

Sistema Capitalista: Em resumo simplório do conceito, define-se como sistema fundamentado no ato de comercialização da força de trabalho, que privatiza a riqueza produzida pelos trabalhadores e os deixam com o mínimo para sobrevivência. A relação entre capital e trabalho é contraditória, à medida que se enriquece o detentor do capital, se empobrece a classe trabalhadora.

Sistema-Mundo: Conceito pós-marxista que entende o sistema internacional a partir da segregação do mundo entre países centrais e países periféricos, bem como seu reflexo na divisão internacional do trabalho que aprofunda as desigualdades entre eles e reforça o domínio dos países centrais.

Violência Sistêmica: É a violência fruto de práticas autoritárias profundamente enraizadas na sociedade, que persistem apesar das garantias democráticas expressas na legislação nacional. Resquícios da colonialidade que ainda se manifestam na sociedade e são negligenciados pelo Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANPUH. A Pequena África como patrimônio histórico cultural uma reflexão sobre a história do Cais do Valongo. Disponível em: <anpuh.org>.

Cais do Valongo (RJ) pode se tornar mais um Patrimônio da Humanidade no Brasil. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Brasília, 30 set. 2014. Disponível em: <<https://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do?id=18637&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>.

Cais do Valongo – Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>; Proposta de inscrição do Sítio arqueológico Cais do Valongo na lista do Patrimônio Mundial – IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf>.

CARNEIRO, Sandra de S; PINHEIRO, Márcia L. Cais do Valongo: patrimonialização de locais, objetos e herança africana. *Religião & Sociedade*. 2015, v. 35, n. 2, p. 384-401. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/bCPNfFkbtrHvWDMwWmj66XG/?lang=pt#>>.

CORRÊA, Máira Leal. *Quilombo Pedra do Sal. Terras de Quilombos*. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/pedra_do_sal.pdf>.

Instituto dos Pretos Novos. Largo de São Francisco da Prainha. Disponível em: <pretosnovos.com.br>.

Porto Maravilha. Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana. Disponível em: <<https://portomaravilha.com.br/circuito>>.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SLAVE VOYAGES. Explore as origens e realocações forçadas de africanos escravizados em todo o mundo atlântico. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org>>.

